

Livro: ARTE EM QUESTÕES

Autores: Isabel A. Marques e Fábio Brazil

Ano: 2014

1

Arte para quê?

Se permitirmos que a relação entre a Arte na escola e arte fruída socialmente se torne inócua, por que mantê-la nos currículos escolares?

Se, para grande parcela da população, o professor de Arte ainda tem pouca importância no contexto da escolarização básica; se a Arte tem pouco interesse na escola e o professor raramente é valorizado como interlocutor de conhecimento e produtor de linguagem, para que insistir em mantê-los nas propostas curriculares?

Não seriam ambos dispensáveis, Arte e professor especialista na área? Não deveriam ter o mesmo destino que tiveram o Latim, a Educação Moral e Cívica e as Prendas Domésticas que já habitaram nossos currículos?

Seria a arte uma "língua morta"? Uma questão de foro pessoal/familiar? Um tipo de "prenda" dispensável?

Apesar das mudanças na legislação¹, do real empenho de muitos professores, do avanço considerável nas pesquisas sobre ensino de Arte e da

1. Em 1996 a Arte passou a ser disciplina obrigatória nas escolas, e não mais uma atividade, como rezava a LDB 4691.

abertura de novos cursos de Licenciatura em Dança, Teatro, Artes Visuais e Música, a Arte ainda é vista pela maioria da população e, infelizmente, por muitos responsáveis pela gestão de instituições de ensino, como perfumaria, atividade complementar, “relax” entre as disciplinas mais “pesadas”. Então, por que ensinar Arte na escola?

Sabemos que as perguntas iniciais deste artigo podem parecer absurdas para aqueles já convencidos da relevância e da importância de termos Arte como componente curricular, mas acreditamos que não são absurdas diante das percepções do senso comum e da atuação de muitos gestores públicos. Se nós, os já convencidos da importância e da relevância da Arte, não formos capazes de responder clara e precisamente a essas questões, como argumentaremos com os outros?

Como vamos dialogar com aqueles que diluem Arte em desenho geométrico, com os que se contentam em reproduzir coreografias da tevê, com os que chamam de Arte fazer um “teatrinho” ou desenho para ilustrar o texto de Língua Portuguesa? Se não respondermos claramente às questões iniciais que propomos neste artigo, eles, os não convencidos da necessidade da Arte na escola, terão toda a liberdade de desprezá-la, de não valorizá-la e, até mesmo, de pleitear o seu fim como componente do currículo — quando muito, a aceitariam como atividade de “contraturno”, uma ocupação extracurricular, fora do currículo e dos projetos político-pedagógicos da escola.

Podemos começar aceitando o fato de que, lamentavelmente, em muitas escolas, os professores e a disciplina Arte são mesmo “dispensáveis” (assim como muitos professores de Matemática, Literatura, Geografia e Inglês também!), pois não têm compromisso com o ensino, respeito pela inteligência e cidadania dos estudantes e muito menos conhecimento específico de arte em si.

Arte para quê?

Por outro lado, quando estabelecemos contato com trabalhos sérios realizados por professores de Arte comprometidos, temos certeza absoluta do quão indispensável é essa área do conhecimento nas escolas. Temos certeza do quanto foram transformados os estudantes que participaram desses processos de construção do conhecimento. Talvez aqui, caiba uma nova pergunta: será que aqueles que não valorizam Arte na escola ou em qualquer instituição — sejam pais, gestores ou professores — realmente tiveram acesso ao universo da arte por meio do diálogo crítico com seus professores? Será que vivenciaram a arte como conhecimento e linguagem em propostas curriculares problematizadoras e articuladas? Provavelmente não.

Então, eis aí um primeiro bom motivo inicial para a presença da arte na escola: acesso. Arte é conhecimento universal, ao qual todos têm direito.

Qualquer pessoa, tendo sua escolarização lhe garantido ou não esse direito, pode vir a reconhecer o quanto do conhecimento, das leituras de mundo, das impressões e expressões da humanidade está registrado pela arte, presentificado pela arte, concretizado num trabalho de arte, mobilizado no fazer artístico. Pois bem: ter Arte na escola como disciplina obrigatória é dar acesso ao direito que todas as crianças, jovens e adultos têm a esse conhecimento universal.

O acesso à arte por meio da escola formal é o início de um caminho para sistematizar, ampliar e construir conhecimento nas diferentes linguagens artísticas que nos possibilitam interagir no mundo de forma diferenciada. É o mesmo tipo de direito que garante o acesso à Matemática, à Língua e às Ciências que estão presentes nos currículos. Arte é conhecimento, cujo direito é universal, arte é um conjunto de saberes que são imprescindíveis para que o cidadão possa entender, experienciar e atuar no mundo.

Surgem desse argumento inicial duas questões: os interlocutores que desprezam o ensino de Arte nas escolas estão interessados em leituras

múltiplas e diálogos críticos com o mundo em que vivemos? Os professores de Arte — assim como os professores que ensinam Arte — estão preparados para exercer o papel de articuladores do conhecimento inerente à arte e atuarem como sistematizadores e coautores das diferentes linguagens artísticas?

As respostas a essas duas perguntas são fundamentais para que possamos realmente entender e discutir a presença (ou ausência) de Arte nos currículos escolares. Fica aqui o convite para que essas questões sejam feitas e refeitas por todos os gestores de escola, de instituição ou de ONG, por todos os professores de Arte ou que trabalhem com arte, por todos os pais, responsáveis e estudantes.

Entre artistas e acadêmicos, muitos já se debruçaram sobre essas questões. Hoje existem inúmeras teses, livros e artigos que argumentam em favor da arte na escola; a partir de trabalhos pioneiros como os de Mário de Andrade e outros fundamentais como os de Ana Mae Barbosa, muito já se construiu em defesa da Arte como componente curricular. Mas é importante aqui levantarmos outro argumento, simples e inicial, porém crucial para compreendermos os sentidos da arte na escola e na vida em sociedade.

Cada linguagem artística que conhecemos — vivenciamos, fruímos, compreendemos — possibilita-nos outro olhar e formas diferentes de vivenciar o mundo. Uma vez articuladas pelo professor, as diferentes linguagens artísticas possibilitam aos estudantes diversas *leituras de mundo* imbricadas entre si e em movimentos dialógicos constantes entre pessoas, tempos e espaços. As diversas leituras de mundo via diferentes linguagens — não somente a verbal — possibilitam conhecer, reconhecer, ressignificar e, sobretudo, impregnar de sentidos a vida em sociedade.

As linhas, cores, texturas, volumes propostos pelas artes visuais abrem-nos para leitura dos mundos de imagens em que vivemos. As

Arte para quê?

formas, a ocupação do espaço, as qualidades do movimento presentes na linguagem da dança abrem portas para o corpo interagir no mundo, para o ser corpóreo que somos. Os timbres, ritmos, melodias da linguagem da música, por sua vez, abrem as janelas dos sons, das diversas paisagens sonoras que compõem nossos cotidianos. Com a linguagem do teatro, abrimos as portas das relações interpessoais, como atuantes na construção do tempo/espaço cênicos. A visualidade, a sonoridade e a forma das palavras tomam novo sentido sociopolítico-cultural ao estudarmos a linguagem da poesia.

Ou seja, efetivamente inseridos no conhecimento e vivência das diferentes linguagens artísticas, podemos nos tornar seres mais amplos, mais profundos, mais complexos, mais múltiplos e, conseqüentemente, mais conscientes e comprometidos. Mas a quem interessa tudo isso?

Sim, eis mais uma pergunta que também precisamos fazer aos gestores e professores que ensinam Arte, estejam eles convencidos ou não da necessidade de a Arte ser de fato um componente do currículo. Estão eles interessados em trabalhar o conhecimento das diversas linguagens que propiciam e se abrem para leituras múltiplas do mundo? Ou simplesmente aceitam o papel apequenado da Arte e dos seus professores nas instituições de ensino?

Nesse sentido, entendemos que, ou o professor de Arte está interessado em construir conhecimento das/nas linguagens artísticas, ou não estará, necessariamente, ensinando *arte*. Entendemos que toda a potencialidade do ensino de Arte só se concretiza nas práticas pedagógicas se o professor de Arte acreditar que pode atuar como um articulador de transformações: suas, dos estudantes e, conseqüentemente, da sociedade em que vivem; e que esse é — ou deveria ser — um dos focos principais do exercício da sua profissão docente e artística. Caso contrário, continuaremos sendo profes-

sores dispensáveis que se contentam em colar bandeirinhas e montar dan-
cinhas para a festa de São João a pedido dos diretores, atendendo às expec-
tativas do senso comum sobre a arte na escola.

O acesso à arte por meio da escola formal é o início de um caminho para
sistematizar, ampliar e construir conhecimento nas diferentes linguagens
artísticas que nos possibilitam interagir no mundo de forma diferenciada.

As diversas leituras de mundo via diferentes linguagens — não somente
a verbal — possibilitam conhecer, reconhecer, ressignificar e, sobretudo,
impregnar de sentidos a vida em sociedade.